



De pé em pé: conhecendo o território do povo Pyhcop Catiji *One foot after the other: knowing Pyhcop Catiji territory*

GUIMARÃES, Mariana Teixeira¹; OLIVEIRA, Mariana Gomes²

¹ Instituto Federal do Pará – Campus Rural de Marabá; Centro de Trabalho Indigenista, mariana@trabalhoindigenista.org.br; ² Instituto Federal do Pará, marianaoliveirag22@hotmail.com

Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiça ambientais

Resumo: A problemática de demarcação de terras indígenas é transversal a todos os períodos históricos do Brasil, e ainda há muitas ações a serem efetivadas. Este ensaio tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) referentes ao mapeamento participativo do território do povo Pyhcop Catiji, localizados no município de Amarante do Maranhão – MA. Foram realizadas três etapas de mapeamento participativo, nas quais ocorreram atividades de caminhar pela Terra Indígena (TI) seguida de sistematizações que resultou em produtos como mapas, relatórios e fichas técnicas, e proporcionaram conhecimento sobre as potencialidades e vulnerabilidades da Terra Indígena Governador.

Palavras-chave: mapeamento participativo; indigenismo; territorialidade.

Keywords: participatory mapping; indigenismo; territoriality

Introdução

A problemática de demarcação de Terra Indígena (TI) é transversal a todos os períodos históricos do Brasil. Diante desta realidade, a associação de novas tecnologias e novos “sujeitos mapeadores” possibilitam estabelecer relações entre linguagens representacionais e práticas territoriais (ACSELRAD, 2010) que podem ser úteis na construção e demarcação dos territórios indígenas.

As reflexões sobre formação de agentes ambientais indígenas, que vem sendo desenvolvida pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), são ações que tem contribuído para o fortalecimento das dimensões sócio culturais, ecológicas e econômicas dos povos Timbira, dentre eles o povo Pyhcop Catiji.

O mapeamento participativo é uma metodologia capaz de proporcionar a visualização do espaço geográfico e de subsidiar debates sobre a gestão do território (BAVARESCO, 2009). Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas pelo CTI referentes ao mapeamento participativo do território do povo Pyhcop Catiji.

Metodologia

A área de estudo é na região de transição entre a Amazônia e o Cerrado no sul do estado do Maranhão, com predominância do Cerrado (98,96%) (ISA, 2019). A terra indígena (TI) do povo Pyhcop Catiji está localizada no município de Amarante do



Maranhão - MA e possui aproximadamente 42 mil hectares. O povo está organizado atualmente em 12 aldeias com uma população aproximada de 908 pessoas (CTI, 2017).

A atividade investigada é a de mapeamento participativo, realizada no âmbito de um projeto de implementação de Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) em três regiões onde o CTI atua, incluindo a Terra Indígena (TI) Governador, onde vivem o povo Pyhcop Catiji, que falam majoritariamente sua língua materna, Timbira, do tronco linguístico Macro Jê, família Jê. O mapeamento foi realizado com a participação de representantes de todas as aldeias e se circunscreve dentro da extensão territorial demarcada oficialmente.

Foi realizada uma pesquisa-ação, que é a consonância entre a busca por respostas da questão pesquisada em conjunto com ações. Para esta análise temos como base três etapas de mapeamento participativo desenvolvidas pelo CTI nos anos de 2018 e 2019. Cada uma desta atividade contou com a presença de um grupo de vinte pessoas, dentre as quais, 12 jovens, 2 professores, 2 conselheiros, 2 guardiões e 2 monitores indígenas. Os participantes foram escolhidos pelas lideranças do povo em reunião no pátio das aldeias, local tradicional de tomada de decisões. As atividades ocorreram nos seguintes períodos: 16 a 26 de março de 2018; 17 a 26 de setembro de 2018 e 17 a 27 de março 2019.

Cada uma das etapas de mapeamento contou com a seguinte organização: 1) reunião preparatória: sobre os objetivos da atividade e definição em grupo sobre a temática a ser abordada; 2) andanças: após definido a temática, os conselheiros definiram os percursos e durante estes foram feitos registros fotográficos, coletadas informações georreferenciadas com uso do GPS e realizadas anotações em caderno de campo a partir das informações dadas pelos conselheiros, professores, guardiões e monitores; e 3) mapa mental e ficha de registro: após as andanças o grupo se reunia para elaborar o mapa mental das andanças e também para preencher fichas de registro, nas quais constam a descrição de determinado local, histórias e desenho da atual situação. Este se concretizou como primeiro momento de sistematização das informações compartilhadas em campo.

Após as expedições de mapeamento realizou-se oficinas de sistematização de dados. Nesta oportunidade, os jovens puderam rever as informações coletadas em campo e atualizá-las em novos mapas temáticos, além de elaborarem diversas atividades de pesquisa e memória com os conselheiros. No entanto, visto a necessidade de delimitarmos uma análise, neste texto não iremos abordar esta etapa.

Resultados e Discussão

O povo Pyhcop Catiji possui apenas uma parte do seu território tradicional demarcado nos anos 1970 e ainda hoje lutam com processo para publicação do estudo de demarcação junto a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). As atividades de mapeamento participativo fazem parte da formação de jovens indígenas e debate



sobre o cuidado com o território. Assim, os mapeamentos contribuíram com o fortalecimento do conhecimento local sobre o território. As atividades trouxeram aos participantes, conhecimentos básicos de cartografia, mapeamento participativo e planejamento para a gestão territorial, além de diversos produtos (Tabela 01).

Atividade	Resultados
1ª etapa de mapeamento participativo	01 - relatório descritivo da atividade. 01 - mapa mental do caminho percorrido no entorno da TI Governador. 63 - pontos georreferenciados. 01 - mapa georreferenciado a partir de dados coletados na atividade.
2ª etapa de mapeamento participativo	01 - relatório descritivo da atividade. 01 - mapa mental do caminho percorrido no entorno da TI Governador. 56 - pontos georreferenciados. 02 - mapas georreferenciado a partir de dados coletados na atividade. 05 - fichas de detalhamento de informações.
3ª etapa de mapeamento participativo	01 - Relatório descritivo da atividade. 24 - fichas de detalhamento da informação. 52 - pontos georreferenciados. 1 - Mapa georreferenciado a partir de dados coletados na atividade.

Tabela 01. Atividades desenvolvidas de mapeamento e os diversos produtos sistematizados – TI Governador (MA).

Diferentes espaços foram visitados durante os mapeamentos, nas duas primeiras etapas sobressaíram as vulnerabilidades. Os limites da Terra Indígena, por estarem separados apenas por uma cerca da fazenda, ou as vezes nem existem estrutura física de separação, são áreas de extrema vulnerabilidade, pela facilidade de entrada/saída de pessoas não autorizadas. Após essa atividade, a associação da Terra Indígena elaborou documentos para os órgãos oficiais denunciando a situação nos limites do território e também debateu sobre formas de ocupação das áreas mais críticas, decidindo por implementarem áreas de cultivos nestas.

Os jovens visualizaram como o seu território está cercado de fazendas e áreas de pastagem, relataram que conheciam as fazendas ao redor, mas não tinham a dimensão de que estavam cercados por todos os lados. Além disso, ao caminhar pelos limites da Terra Indígena, puderam também identificar áreas de cultivos pertencentes a não indígenas dentro do território e vestígios de retirada de madeira, bem como entrada de caçadores ilegais.

Na terceira etapa, foi priorizado os caminhos usados para o deslocamento entre as aldeias sem utilizar as estradas nas quais se utilizam automóveis. A observação do território surpreendeu os jovens pela exuberância dos locais visitados. Se nos limites



do território, as vulnerabilidades foram ressaltadas, por dentro se sobressaíram as potencialidades. Áreas de coletas de guarumã (*Esenbeckia leiocarpa*), bacuri (*Attalea phalerata*), pequi (*Caryocar brasiliense*), buriti (*Mauritia flexuosa*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), jussara (*Euterpe edulis*), almescla, (*Protium heptaphyllum*) entre outros. Além de nascentes de água, tão escassas dentro do território, mas ainda existentes. Também foram observadas as áreas de capoeiras oriundas de roças antigas, marcas da movimentação realizada dentro do território. A devastação e perigos observados nas áreas pouco ocupadas por eles, nos limites do território, destoou com as áreas construídas e preservadas a partir de anos de uso e ocupação territorial.

Tais fatos corroboram com a ideia de que os mapeamentos devem ser “conduzidos como um percurso dialógico importante para a educação ambiental, peculiarmente e fazer que busque uma reflexão das tramas territoriais, dos significados comuns e dos grandes desafios da sustentabilidade socioambiental daquele território” (SILVA; JABER-SILVA, 2015).

Em um olhar mais para a formação dos jovens do que para as decisões das lideranças, podemos observar a capacidade de interpretação que estes têm sobre o seu território. Interpretação externalizada na produção de mapas mentais, que são produzidos em diferentes tempos sobre o mesmo espaço. No processo do caminhar, eles observam o espaço ao seu redor, escutam as informações vindas dos mais velhos e as transformam em algo inteligível para grupo, concebendo os tempos históricos e os processos de transformação que determinada região passou.

Em um trabalho semelhante na TI Pitaguary, Galdino et al. (2016), asseveram que “o mapeamento participativo forneceu poder de representação, construção do território e fortificação da identidade territorial através da visibilização dos múltiplos usos da terra presentes na aldeia de Monguba”. Desta forma ocorre na TI Governador, nesta atividade atual e também em atividades passadas realizadas pelo CTI com esta mesma metodologia.

Em 2006, decorrente de um levantamento etnoecológico realizado na TI Governador, os jovens indígenas tiveram papel importante no planejamento e execução da atividade de mapeamento participativo, como processo pedagógico formativo e também de importância política de apreensão do território (BAVARESCO, 2009).

Conclusões

As três etapas iniciais proporcionaram conhecimento sobre vulnerabilidades e potencialidades sobre o território do povo Pyhcop Catiji e capacidade de interpretação sobre a dinâmica do território. O material construído tem como intuito de serem utilizadas na educação territorial de jovens e crianças nas escolas, além de servir como instrumento de planejamento e tomada de decisões por parte dos mais velhos.



A atividade de mapeamento participativo junto ao povo Pyhcop Catiji ainda está em andamento, com a previsão de mais duas etapas até o ano de 2020. Não é um trabalho que se encerra em um projeto, mas uma atividade de constante movimento e produção de conhecimento sobre o território, através de atividades fundamentais da vida humana, andar, escutar e refletir.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri. Mapeamentos, identidades e territórios. **Cartografia Social e Dinâmicas Territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: UFPR/IPPUR, p. 9-46, 2010.

BAVARESCO, Andréia. **O pje e a cartografia**: os mapeamentos participativos como ferramenta pedagógica no diálogo entre saberes ambientais. 135 f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. **Relatório interno de levantamento de informações – Terra Indígena Governador**. Carolina, MA, 2017.

GALDINO, Lúcio Keury Almeida; LANDIM NETO, Francisco Otávio; SILVA, Edson Vicente da; GORAYEB, Adryane. Territorialidade e meio ambiente da Terra Indígena Pitaguary, Ceará – Brasil: reflexões acerca das possibilidades do mapeamento participativo na aldeia Monguba. **Acta Geográfica**, Boa Vista, ed. especial, V CBEAGT, p. 114-127, 2016.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. **Terras Indígenas no Brasil**: Terra Indígena Governador. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3672>
Acesso em: 28 de abril. 2019.

LADEIRA, Maria Elisa. **Informações sobre a história do povo Gavião-Pykobjê**. IN: CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. Escola Timbira – Cadernos de Leitura. 2018.

SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. O mapa social e a educação ambiental, diálogos de um mapeamento participativo no Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 201-221, 2015.